



Felinto e família: feliz com a celebridade

Felinto em primeiro plano

O marinheiro do Paraná embarca no baú de Santos

BRASILIA - A grande estrela do PMB nas articulações da candidatura Sílvio Santos, o deputado estadual paranaense José Felinto, primeiro-secretário do antes obscuro partido, perdeu oito quilos nos quatro frenéticos dias de negociações que viabilizaram o lançamento do animador. Nas campanhas anteriores, ao contrário, o corpulento parlamentar sempre ganhou alguns quilos a mais por se alimentar em excesso — o que ele atribuía à ansiedade das atribuições políticas. Desta vez, José Felinto emagreceu porque não teve tempo para comer nem para dormir. “O Felinto foi um trator nas articulações”, elogia o presidente e ex-candidato do partido, Armando Corrêa.

Ao atingir o primeiro plano da política nacional, José Felinto não se embarça com seu conturbado passado, vangloriando-se do apelido de “Marronzinho do Paraná”. “Pode pôr no jornal, pode pôr no jornal”, pede José Felinto, ao lembrar que há apenas sete anos estava no meio da multidão, num comício do ex-presidente Figueiredo em Curitiba, jogando ovos podres nos candidatos do PDS ao governo e ao Senado, Saul Raiz e Nei Braga.

Militante — O comício ocorreu na noite de 7 de novembro, na Praça Rui Barbosa, e os tumultos provocados pelos partidários do candidato do PMDB, José Richa, provocaram a intervenção de um choque da Polícia Militar e a prisão de diversas pessoas. “Acertei um ovo no Raiz e outro no Antônio Belinatti”, contou Felinto em jantar no sábado passado no Hotel Nacional, arrancando gargalhadas de Armando Corrêa. “Eu ainda estava com os bolsos da calça cheios de ovos podres quando fui agarrado por um policial. Mas fui mais esperto e, mostrando-lhe rapidamente minha carteira de reformado da Marinha, disse-lhe com intimidade: “Que é isso, meu rapaz, eu sou agente do Cenimar”, relata o deputado.

Ao se referir à Marinha, Felinto se emociona, pois não consegue evitar a lembrança do período em que ficou internado como louco no Hospital Naval de Florianópolis. “Fui internado indevidamente”, diz Felinto. Ele garante que foi diagnosticado como neurótico depressivo grave em represália pelo seu engajamento na campanha política do MDB em 1978. O marinheiro José Felinto, então com 27 anos, criou grande confusão em sua base militar, ao denunciar o governo federal por corrupção. Em novembro de 1979, foi internado na ala psiquiátrica do Hospital Naval, mas fugiu duas semanas depois. “Fui para a casa de minha mãe em Paranaguá, mas me descobriram e depois apareceu lá uma patrulha de fuzileiros, que me levou de volta ao Hospital”.

Nessa segunda temporada no hospital, ele diz que conquistou a amizade de um médico que o deixou fugir. Estava escondido na casa da mãe e recebeu um telegrama da Marinha convidando-o a se apresentar para receber alguns soldos atrasados. Foi preso novamente. “Sofri pra burro no

hospital. Os remédios que me davam, como ampicilil, haloperidol e fenergan, deixavam a gente torto. Mas fiz amizade com um enfermeiro e ele passou a me ajudar. Jogávamos os remédios na privada e, com isso, aos poucos fui recuperando a consciência e a coordenação. Em pouco tempo, consegui negociar minha transferência para o Rio e me reformaram como doente mental”. Alguns meses depois, com base em atestados conseguidos junto a diversos médicos, Felinto entrou na Justiça, forçando a Marinha a reformular o parecer que o dava como louco. Em um dos atestados exibidos por Felinto, um neurologista o classificava como “superdotado da mente”.

Grevista — De volta ao Paraná, Felinto virou vendedor de garrafas, em sua luta para sobreviver. “Passei até fome”, lembra ele. Sua vida começou a mudar quando arranhou emprego como auxiliar de enfermagem na Santa Casa de Misericórdia, em Curitiba. O país estava começando a experimentar a abertura política do presidente Figueiredo e os enfermeiros de Curitiba preparavam sua primeira greve depois de 1964. “Fui levado a uma assembléia geral e até então nem sabia o que era um sindicato”, confessa Felinto. Entusiasmou-se com o movimento e terminou um dos líderes da greve, que durou dois dias e foi vitoriosa.

No embalo de sua nova carreira como líder sindical, Felinto acabou elegendo-se vereador de Curitiba, em 1982, com 4.900 votos. Teve ajuda decisiva do então deputado Álvaro Dias, que antes o havia contratado como seu principal cabo eleitoral na capital paranaense. Na Câmara e, posteriormente, na Assembléia Legislativa, Felinto teve uma trajetória marcada por controvérsias com seus colegas, com os quais não se entrosou. Definido pelos deputados como “fiel escudeiro” do governador Álvaro Dias — ou, maldosamente, como seu “papagaio de pirata”, pelos esforços que fazia para aparecer sempre ao lado do governador em fotos e entrevistas — Felinto chegou a se envolver em brigas na defesa dos interesses do estado.

Durante os dois meses que trabalhou como atendente de enfermagem na capital do Paraná, o deputado do PMB se juntou a um movimento da categoria que pedia reajuste salarial. “Ele se colocou como líder e desmobilizou a greve que preparávamos”, lembra a atual presidente do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Saúde de Curitiba, Isabel Cristina Gonçalves. “A militância do Felinto era totalmente desvinculada da nossa realidade e na época não era claro que interesses ele defendia”, completa.

Comentário muito parecido com o do deputado Paulo Furiatti, ex-colega de Felinto na bancada do PMDB e hoje PDT. “A atuação dele não é ideológica. Suas atitudes de fanfarronice não eram levadas a sério porque gostava de mostrar um poder que não tem”.

Com a candidatura Sílvio Santos, José Felinto acha que chegou a sua vez. “Deus me deu a oportunidade de corrigir a série de injustiças que sofri na vida”, diz ele, imaginando ter finalmente entrado para a galeria dos mais importantes políticos nacionais. (T.B.e T.C.)